As verdades nas mentiras de Pinóquio

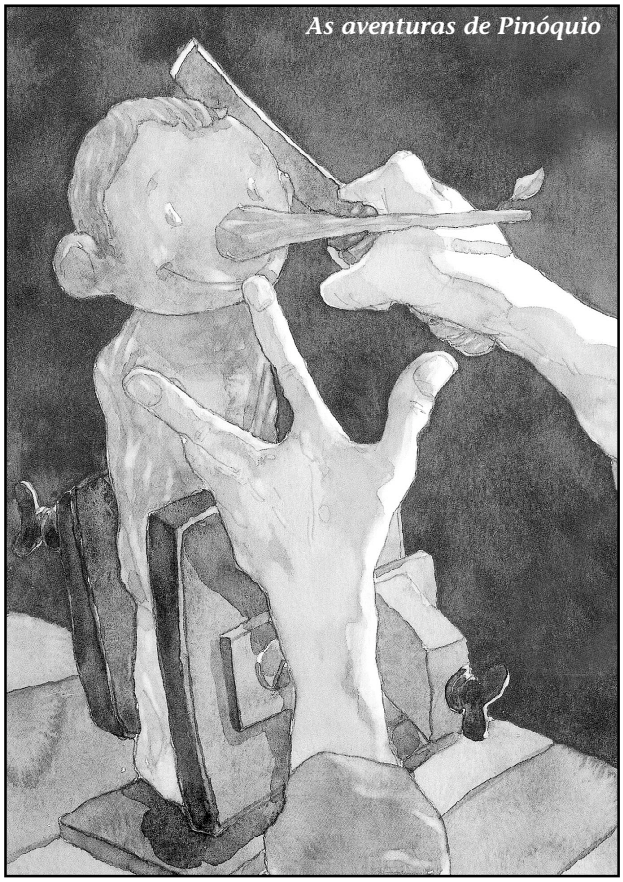
Entrelinhas fabulosas que influenciam nossas vidas

Amanda Magalhães, Eduarda Moura, Felipe Cohen e Luiza Moscoso

Dizem que a mentira tem pernas curtas. Mas, desde cedo, aprendemos que ela tem mesmo é o nariz comprido. Basta lembrar de Pinóquio, personagem bastante presente no imaginário infantil ocidental, que recebeu como castigo por sua má conduta um nariz expansível e retrátil. Assim, toda vez que faltasse com a verdade, seu nariz cresceria e denunciaria a farsa. O boneco é uma referência para as crianças do significado das mentiras e da internalização das regras.

Alguns pais fazem questão de relembrar com insistência a história aos pequenos, na forma de sutis ameaças – "Não conte mentiras, pois seu nariz vai crescer igual ao do Pinóquio!". Pois bem, uma artimanha muito eficaz para as crianças, já que a identificação com o personagem é muito forte.

O boneco de madeira falante confidencia aos leitores seus tropeços; surge como um sujeito de caráter ambíguo, sempre tentando se emendar. Às crianças resta apenas a empatia com o sofrimento decorrente da desordem psíquica do personagem, provocando compaixão e angústia com as trapalhadas sem fim do herói. A narrativa ultrapassa gerações expressando princípios da nossa cultura e demonstrando que cada um fará seu caminho no sentido da construção do julgamento moral.


As aventuras de Pinóquio

Era uma vez...

A história original, traduzida para o português como *As aventuras de Pinóquio*, foi escrita no formato de folhetim, entre os anos de 1881 e 1883, pelo italiano Carlo Collodi. Os capítulos eram publicados por um semanal infantil de Roma – o *Giornale per i Bambini* – e foram concebidos lentamente pelo autor, que interrompeu a escrita inúmeras vezes, retomando-a quando pressionado por seu público. Foram principalmente as crianças que gostaram da trama e pediram a Collodi que a prosseguisse.

Segundo Diana e Mário Corso, no livro *Fadas no divã, psicanálise nas histórias infantis* não há um fio de continuidade bem definido na história, justamente porque os contos foram escritos sem grandes pretensões de uma futura unidade textual.

Na versão italiana, Pinóquio é um boneco egoísta, ingrato e desobediente. Ele aprende o caminho da responsabilidade da maneira mais difícil: mostra-se empenhado em provar que não assi-

milou a lição, mas encontra oportunidades para se redimir. A história ganhou vários formatos e o mais conhecido é o desenho animado de Walt Disney, no século XX.

Omissões, distorções e mentirinhas que fazem toda a diferença

Ao conceber a adaptação da história original de Pinóquio em 1940, Walt Disney omitiu e distorceu diversas passagens. Da versão construída por Carlos Collodi sobreviveram apenas elementos que dão à superfície da história suas cores fundamentais. Porém, a magia feérica que encanta o boneco de madeira no desenho animado parece ter tocado muito antes a mentalidade empreendedora de Walt Disney.

Branca de Neve e os sete anões – primeiro longa-metragem de animação de Walt Disney – fizera um enorme sucesso no cinema. Em seguida, ao produzir *Pinóquio*, Disney ficou apreensivo em relação à receptividade do público com o novo filme, em grande parte por julgar que o boneco não era um personagem carismático o suficiente para conquistar a massa de espectadores. A partir de então, começou a fazer mudanças que tornassem a história mais agradável – e vendável – segundo seus padrões. Assim, o Grilo Falante, que no conto de Collodi é mais um coadjuvante, é transformado em um personagem tão central quanto o próprio Pinóquio na versão de Disney, desempenhando o papel de "dono de sua consciência". No processo de (re) construção do perfil psicológico das personagens, o crescente destaque dado ao Grilo Falante acabou por abafar a participação de Pinóquio. Então, Disney decidiu que a marionete deveria ser inocente como um bebê, ao passo que o Grilo se encarregaria de dizer a ele o que fazer e o que não fazer.

Outro exemplo a ser citado é que, no texto de Collodi, Gepeto é um artesão miserável; a idéia de construir um boneco de madeira tem uma ligação direta com a necessidade de ganhar dinheiro, o que fica explícito em suas próprias palavras: "Com essa marionete quero rodar o mundo, para conseguir um pedaço de pão e um copo de vinho". Apesar disso, o artesão mostra imensa dedicação ao "filho", vendendo seu único e surrado casaco em pleno inverno pra comprar uma cartilha com a qual Pinóquio possa ingressar na escola. Na versão Disney, Gepeto vive confortavelmente em uma casinha, na companhia de um gato, um peixe e seus virtuosos cucos de madeira. Pinóquio é concebido para ocupar a solidão do velho artesão.

Em episódio subseqüente, comum às duas versões, Pinóquio é feito prisioneiro de um circo de marionetes. Na versão de Collodi, se oferece para ser queimado no lugar de outro boneco, que o dono do circo havia tomado para usar como lenha. Tal atitude comove o homem, que o libera da escravidão. Na versão Disney, Pinóquio simplesmente foge com a ajuda do grilo e de um passe mágico da fada, em uma solução de enorme pobreza criativa se comparada à imaginada por Collodi.

Tais alterações dão uma pequena dimensão de que as intenções de Collodi e de Disney divergem, apesar de aparentarem ter o mesmo sentido. Ao negar e anular certos elementos da história original, Disney retira da fábula a ambigüidade e os dilemas morais inerentes à condição humana (justamente o que torna Pinóquio uma personagem tão fantástica, um anti-herói que nada deve ao Julien Sorel de Stendhal, do clássico *O vermelho e o negro*), favorecendo assim uma visão maniqueísta do mundo e um distanciamento por parte dos espectadores dessas aventuras.

Mentir é uma tentativa de viver como se queria viver e não o que se vive de fato

Uma história para ensinar

Com sua fábula, Collodi nos conta todas essas aventuras de forma bastante didática. Para os autores do livro *Fadas no divã*, Collodi recebeu influências pedagógicas e as questões educacionais sempre permearam suas obras.

Dessa forma, o desejo do boneco de se tornar um menino de verdade estava diretamente associado à

construção de um "sistema moral" com direito a inúmeros erros e arrependimentos ao longo da história. Diferente do original, Walt Disney também encena essas passagens contraditórias, mas, como foi citada anteriormente, a "desordem psíquica" do boneco é apresentada de forma mais branda e palatável para o público.

Na verdade, o livro pode ser considerado uma antifábula, pois "o herói tem inúmeras chances de acertar e errar". Sua mãe, a Fada, que aparece inicialmente como uma pequena menina de cabelos azuis, o avisa dos perigos e das conseqüências – assim como fazem os pais que, por terem vivido experiências anteriores, tentam proteger seus filhos.

Entretanto, a intenção de Collodi, ainda segundo Diana e Mário Corso, era justamente a de apresentar Pinóquio em seu ambiente familiar como um menino comum de sua idade. Com isso, a dificuldade não é apenas de Pinóquio em controlar seus impulsos mentirosos coibindo o crescimento do nariz. A história vai além e demonstra também a dificuldade dos pais em educar seus filhos, ou de "dominar essas marionetes".

Nesse contexto, a mentira é uma atitude recorrente para Pinóquio, já que de alguma forma ele tem consciência de seus erros – durante toda a história o boneco é avisado por inúmeros "ajudantes mágicos" em "situações fantásticas" sobre o que está por vir. E o crescimento do nariz, previsto pela Fada Azul, é a expressão mais concreta e exteriorizada desse caráter rebelde e voluntarioso que é repetido sistematicamente com crises de consciência, assim como acontece com todos os humanos.

Existem dois tipos de mentira: as de pernas curtas, que nunca alcançam seus objetivos, e a de nariz comprido, que denuncia a farsa

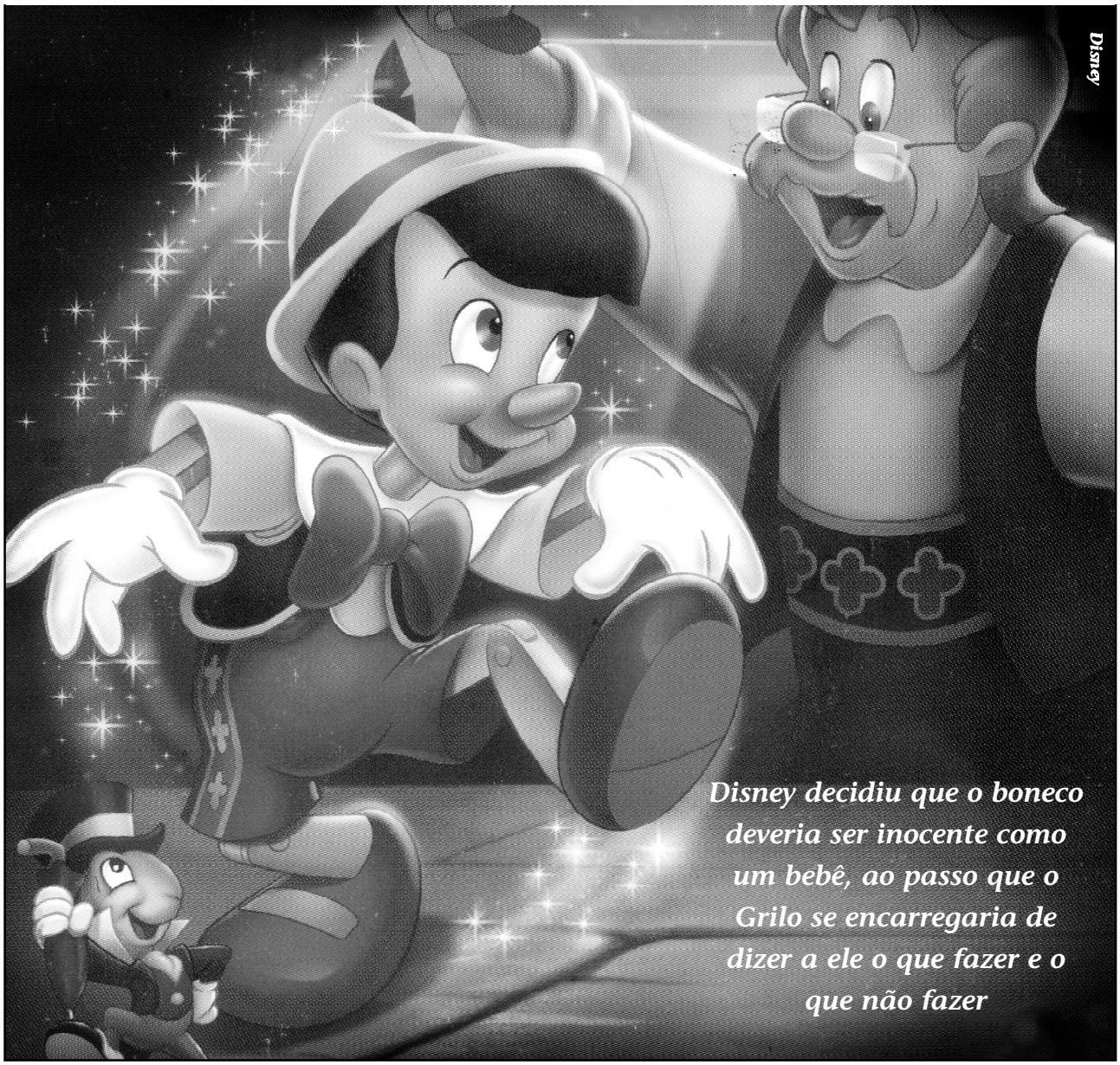
Mentira é uma verdade que esqueceu de acontecer"

A frase do poeta Mário Quintana define com precisão o caráter das mentiras contadas por Pinóquio em suas aventuras. A fala do menino de madeira não é verdadeira quanto ao fato acontecido, mas expressa um desejo que não aconteceu e encontra representação possível nas mentiras. Segundo a psicanalista Iane Kestelman, 49 anos e 27 de clínica, esse comportamento é recorrente em crianças, já que lorotas infantis podem ocultar verdades subjetivas. "É preciso ficar atento à singularidade. Dizer que uma mentira representa tal coisa e que o mesmo tipo de mentira teria o mesmo significado para todas as pessoas é perigoso. Em muitos casos, mentir é uma tentativa de viver o que se queria viver e não o que se vive de fato", atesta.

A mentira infantil pode ser um exercício de autonomia, de poder, um pedido de ajuda ou de atenção, mas também pode ser um sintoma. Embora em determinado momento represente a expressão de uma fantasia, em outro, a mentira pode ser patológica. De acordo com o artigo "Duas mentiras contadas por crianças", de Sigmund Freud, há dois pontos relevantes acerca da mentira na infância. Em primeiro lugar, quando as crianças mentem, estão imitando as mentiras ditas por adultos; em seguida, Freud afirma que as mentiras infantis ocorrem sob a influência de sentimentos amorosos intensos e por isso deveriam motivar interesse especial por parte dos adultos responsáveis por essas crianças, o que geralmente não acontece.

Mentir é feio?

Contos de fadas como *As aventuras de Pinóquio* funcionam como exemplos éticos, procurando passar valores e retratar a vida real e suas vicissitudes através do registro imaginário que provoca



Disney decidiu que o boneco deveria ser inocente como um bebê, ao passo que o Grilo se encarregaria de dizer a ele o que fazer e o que não fazer

nas crianças. As mentiras do menino de madeira apontam para uma falha de caráter metaforizada pelo crescimento do nariz, que indica o seguinte valor moral: não adianta mentir e achar que não será descoberto, pois a verdade sempre aparecerá. Na fábula original, a Fada Azul ensina a Pinóquio que existem dois tipos de mentira: as de pernas curtas, que nunca alcançam seus objetivos, e a de nariz comprido, que denuncia a farsa.

A história diz aos pequenos que há um preço a ser pago por transgredir a ética que, por sua vez, está implícita na verdade; a mentira será sempre descoberta, porque esconde a real identidade de cada sujeito. "Quando ouvem um conto de fadas, as crianças projetam inconscientemente uma parte delas nos personagens, usando-os como elemento balizador entre o seu eu e a realidade. Pinóquio ensina às crianças um pouco sobre a cultura em que vivemos – na qual mentir é feio – e também sobre o interior dos homens e os conflitos nele gerados. Desta forma, a criança poderia atingir uma compreensão do que se passa no seu inconsciente e organizar suas fantasias frente à realidade", define Iane Kestelman.

As mentiras contadas por Pinóquio não devem ser pensadas somente como um ato errôneo, perverso ou impetuoso do personagem. Pensar na mentira apenas como um erro seria fazer uma leitura muito simplista das aflições e angústias do herói, pois Collodi não se detém à mentira, mas a inscreve no contexto mais amplo dos hábitos em que baseamos nossos valores sociais e afetivos.